«Rhetoricians on Homer», pp. 191-201) e Filóstrato (R. Webb, «Homère dans les *Images* de Philostrate», pp. 203-214).

A recepção mais recente, sem contudo deixar de ser antiga ou tardo-antiga e medieval, dos Poemas Homéricos é tratada essencialmente na quarta sub-parte, «Héritages». A presença de Homero no substrato cultural do século V (A. Pizzone, «Thersite au bord du Nil», pp. 217-228), Homero na cosmovisão vândala (A. Stoehr Monjou, «Une réception rhétorique d'Homère en Afrique vandale: Dracontius (*Romulea* VIII-IX)», pp. 229-238), e em contextos já bizantinos (D. Pralon, «Les personnages d'Homère selon Isaac Comnène Porphyrogénète», pp. 239-246 e M. Loukaki, «L'univers homérique dans les éloges impériaux du XIIIe siècle à Byzance», pp. 247-257) são os temas de dão corpo a esta última parte.

No final, confirma-se a presença e importância do Poeta educador da Grécia nas culturas antiga e medieval, o que por si só justifica a pertinência deste livro em boa hora publicado. Uma bibliografia final acompanha a totalidade dos textos, bem como um índice de autores e de passos citados, da maior utilidade para a edição e para os investigadores que doravante a ela recorrerem.

NUNO S. RODRIGUES

Universidade de Lisboa

nonnius@letras.ulisboa.pt

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_18

FORD, Philip Bloemendal, Jan and Fantazzi, Charles (eds.), *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin world*. [Vol. 1]: *Macropaedia*, 919 p. [vol. 2] *Micropaedia*, 920 p. Leiden - Boston : Brill, 2014. ISBN: 9789004265721.

Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin world, editada por Philip Ford, Jan Bloemendal e Charles Fantazzi. Leiden ; Boston : Brill, 2014 é o número 3 da Série *Texts and Studies* da *Renaissance Society of America*, distribuída por dois volumes, *Macropaedia* e *Micropaedia*, com uma totalidade de mais de 1800 páginas, em duas colunas cada.

O título e o perfil desta obra monumental constitui mais um sinal do fenómeno que os editores apontam no universo editorial científico: o renascer do interesse académico pelas obras de referência, que outrora receberam a designação de Compêndio, Manual ou simplesmente Enciclopédia.

Se, após o crescimento exponencial da especialização dos saberes, o nascimento de obras de referência nas mais diversas áreas científicas é acontecimento raro e importante, ele é-o ainda mais numa área como a dos estudos neolatinos, que assistiram nas últimas décadas a um desenvolvimento ímpar². É que, como os editores afirmam no seu prefácio (p. xvii), quando os actuais ‘decanos’ de estudos neolatinos iniciaram a sua investigação, essa área científica que hoje conhecemos como tal ainda mal existia³. Para estudar a história do Direito ou da Teologia, por exemplo, foi inevitável penetrar num corpus textual produzido em língua latina, mas sempre em função da História do Direito ou da História da Teologia, e não em função da cultura neolatina em si mesma, cuja produção e cujos autores continuam em grande parte por investigar.

Os editores desta importante obra apresentam-na como desenvolvimento natural ou resposta do século XXI à primeira obra de referência nesta área do saber, que consideram ser a obra de Joseph Ijsewijn, *Companion to Neo-Latin Studies* (Amsterdam-New York-Oxford, North-Holland Publishing Company, 1977). Não se trata porém de mera actualização para incorporar as últimas três décadas de investigação na área⁴. Na verdade, se o primeiro *Companion to Neo-Latin Studies* se situava num ponto de vista fundamentalmente literário e filológico, a *Brill's Encyclopaedia* parte de um ponto de vista amplamente transversal, próprio de um objecto de estudo como a cultura neolatina. Por isso, além de ser notória a focalização do interesse em matérias de prosa académica e científica (como a química, a zoologia, a medicina e o direito), a *Brill's Encyclopaedia* não ignora as mudanças operadas nos estudos neolatinos nos últimos anos, e procura estabelecer as suas novas fronteiras⁵. Define, aliás, o que diz ser um novo campo do

2 Faz parte do mesmo fenómeno editorial a recente obra de Sara Knight e Stefan Tilg (Ed.) *The Oxford Handbook of Neo-Latin*, Oxford Handbooks, 2015.

3 Do ponto de vista conceptual, os editores definem como língua neolatina toda aquela que foi produzida aproximadamente desde o tempo de Petrarca até hoje, ou seja, o latim desenvolvido como resultado do interesse pela cultura greco-latina, renovado a partir do século XIV e XV.

4 O próprio Joseph Ijsewijn procedeu a uma profunda revisão da sua obra, em dois momentos distintos, 1990 e 1998, com a colaboração de Dirk Sacré.

5 Se no *Companion to Neo-Latin Studies* os textos não literários ocupavam menos de 5 páginas e constituíam menos de 25% da Parte II, na *Brill's Encyclopaedia*... a proporção inverte-se. Temas ligados aos géneros literários ocupam menos de 25% do seu total.

saber, procurando fundar as bases teóricas, conceptuais e metodológicas em que este assenta.

Com efeito, a organização interna da *Brill's Encyclopaedia* demonstra uma concepção de 'literatura' diferente daquela adoptada pelo tradicional *Companion*; uma literatura não já circunscrita aos géneros literários tradicionais, mas alargada a textos 'literários' e 'não literários', explicitamente enquadrada nos preceitos teóricos do New Criticism (p. xx). A abordagem dos textos não parte exclusivamente do reconhecimento dos modelos clássicos que os inspiraram, mas de uma perspectiva mais abrangente, que tem em conta todo o contexto cultural que o produziu, o qual deverá ser por sua vez iluminado pelo conhecimento do *corpus* literário neolatino. Assim encarada, a literatura neolatina deverá tornar-se uma fonte valiosa para o conhecimento da vida intelectual e social em que foi criada.

Na verdade, a investigação dos últimos anos não só consolidou os estudos neolatinos em si mesmos como os expandiu muito além das questões literárias, como que recuperando a riqueza de uma perspectiva acima de tudo 'filológica', verse esta, ou não, sobre o campo dos estudos literários. Assim, os estudos neolatinos da *Brill's Encyclopaedia* vão desde as questões linguísticas e literárias (poesia, prosa, drama) às artes, à filosofia e às ciências, à história da educação, história da Igreja, história da expansão e do Novo Mundo, até à história do direito, descentrando-se, portanto, daquele que antes fora um campo de estudos estritamente literário, para ir ao encontro de um objecto tão vasto como toda uma 'cultura': a 'cultura neolatina'.

Outro motivo porém se oferece ao leitor da *Brill's Encyclopaedia* para evocar ainda aquela primeira obra de referência, que a precedeu. Uma e outra são fruto das actividades da Associação Internacional de Estudos Neolatinos, de Amesterdão (International Association for Neo-Latin Studies), a qual nasceu, por sua vez, de um Seminário de Filologia Humanística do Professor Joseph Ijsewijn, da Universidade de Lovaina, na década de 70. Porém, se o antigo *Companion* nascera como obra de um indivíduo, a *Brill's Encyclopaedia* só podia ser obra de um labor orgânico e colectivo. Três editores deram corpo à investigação de cerca de oito dezenas de autores, um número que por si só aponta para a diversidade de saberes convocados.

Merece uma palavra de apreço a estrutura da *Encyclopaedia*. Ela é bem mais do que um conjunto de verbetes elencados por ordem alfabética. O volume *Macropaedia* procedeu a uma identificação dos temas maiores de investigação nos estudos neolatinos e reuniu uma série de longos artigos sobre cada um deles, seguidos da respectiva bibliografia, de modo a permitir

ao leitor reconhecer ‘o estado da questão’. O volume *Micropaedia*, por sua vez, foi reservado a artigos de menor extensão, sobre temas mais restritos, como nomes de indivíduos ou personagens do Humanismo, ou subgêneros literários, ou a produção textual neolatina nas diversas expressões geográficas ou nacionais, ou simples questões políticas e metodológicas da investigação em curso - sempre porém assegurando a unidade entre os dois volumes, já que a maioria dos autores da *Micropaedia* são os mesmos da *Macropaedia*.

A coerência da sua organização é visível desde o início. A Parte I da *Macropaedia* corresponde a uma introdução a todo o conjunto. Nela são elaborados temas teóricos fundamentais como a distinção plena entre latim medieval e língua neolatina, a definição de língua neolatina, questões específicas de lexicografia, de ortografia, de prosódia e versificação, ou a criação de neologismos na língua latina, não apenas do ponto de vista da sua relação com o grego e com as línguas vernáculas mas também tomando parte activa no debate actual acerca de critérios para a inovação terminológica, nos mais diversos campos do conhecimento humano.

Contribuem também para delimitar com precisão o conceito de língua neolatina capítulos como o seis e o sete, dedicados ao latim como língua de conversação, ou o catorze, que finalmente ousa tratar com rigor a questão da pronúncia do latim, além dos capítulos dedicados a temas mais estritamente literários, como a imitação dos clássicos, o helenismo, o ciceronianismo e o anticiceronianismo.

As Partes II e III expõem as complexas relações da cultura neolatina com dois fenómenos próprios do alvore da Idade Moderna: os inícios da imprensa (primeiros humanistas impressores; práticas e políticas editoriais) e o desenvolvimento das línguas vernáculas.

As Partes IV, V, VI e VII e IX prendem-se com os diversos campos do saber que se exprimiram ou exprimem em língua latina, embora nem todos com o mesmo alcance. A literatura (prosa, poesia, teatro), as Artes (música e musicologia, artes visuais, artes plásticas e arquitectura), a Filosofia (com a relevância devida ao aristotelismo e à escolástica, ao neoplatonismo, ao epicurismo e à filosofia política) e por fim as Ciências (Astronomia, Medicina, Matemática, Química) receberam um tratamento francamente mais amplo do que o Direito (cap. IX), aqui limitado ao “direito inglês”.

A rematar o enquadramento conceptual dos estudos neolatinos, que é na verdade um dos aspectos mais valiosos que fazem da *Brill's Encyclopaedia* uma obra de referência, encontramos ainda dois capítulos dedicados ao chamado período de declínio da cultura neolatina, desde 1700 até ao presente

(Parte XI), e ainda duas Partes dedicadas a áreas fundamentais da cultura neolatina que correspondem a outras tantas especificidades suas.

Em primeiro lugar, o Latim e a Igreja: o Latim no discurso teológico, o Latim no pensamento patrístico, o fenómeno da Reforma e da Contra-Reforma na Europa e ainda o lugar singular da Companhia de Jesus na educação, produção e ensino da língua latina (Parte VIII). Só por necessidades metodológicas, mas não isentas de artificialismo, podemos abstrair desta Parte (Latim e Igreja) o tema do Latim e da música, que os editores dispuseram na Parte V, juntamente com as artes. Se a opção metodológica de distinguir e separar Música, Latim e Igreja é perfeitamente justificável, o resultado não pode deixar de ser recebido na sua complementaridade.

Em segundo lugar, os editores não esqueceram outro fenómeno inalienável dos inícios da era Moderna, dotado de um papel chave na configuração da cultura neolatina: o fenómeno das Descobertas ultramarinas que, sob a designação de ‘Novo Mundo’, receberam a atenção particular da Parte X, para estudar a especificidade da cultura neolatina também na Ásia e na América.

O labor científico erguido na Parte I a partir dos seus fundamentos culmina na Parte XII, com uma História dos Estudos Neolatinos, extremamente valiosa para a consolidação desta área de estudos e dos que nela procuram fazer investigação, à qual não podemos deixar de observar, porém, um certo acanhamento. O autor serve-se de um ponto de vista demasiado estreito quando assinala momentos, acontecimentos editoriais e instituições-chave da história dos estudos neolatinos pertencentes ao mundo anglo-saxónico, à Hungria, à Polónia, à Austrália e à inevitável Itália, mas ignora ou relega para a periferia o que se tem feito nas Universidades Portuguesas. Regista o nascimento, nos anos mais recentes, de jovens associações, seminários científicos e instituições nacionais que têm dado visibilidade aos estudos neolatinos na comunidade científica, mas ignora a existência do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos Clássicos e *Humanísticos* da Universidade de Coimbra que, sob este último título, tem desenvolvido um consistente trabalho de investigação na área do Latim do Renascimento. Na verdade, os estudos neolatinos foram em Portugal decisivamente impulsionados por um académico notável da Universidade de Coimbra, precursor de uma escola de investigação nos estudos neolatinos, cuja obra esperaria que o seu nome fosse tratado lado a lado com Henry de Vocht, Josef Ijsewijn, e Paul Oskar Kristeller, nos três capítulos de Demmy Verbeke dedicados aos “Pioneiros dos Estudos

Neolatinos” (pp. 1130-1135). Américo Costa Ramalho († 2013) desenvolveu, a partir de 1963-64, pelo menos, em Coimbra, um Seminário de Latim do Renascimento que deu início a uma actividade intensa de elaboração de teses de dissertação conducentes ao estudo e edição de fontes literárias neolatinas. Foi assim que teve origem nesta Universidade uma actividade pioneira de edição, estudo e tradução de um conjunto de textos neolatinos que, depois de terem conhecido projecção universal (quando Portugal não era periferia da Europa, nem a língua inglesa condição indispensável para participar no debate internacional), permaneceram enclausurados em antiquários e em bibliotecas de livro antigo, inacessíveis não apenas fisicamente mas também intelectualmente, por estarem escritas numa língua cada vez menos conhecida⁶.

Esta breve ‘História dos Estudos Neolatinos’ (Parte XII) desconhece também o nascimento da Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos, bem como a notável série editorial que a Associação mantém, desde 2008, na Imprensa da Universidade de Coimbra. Procedentes de várias universidades do país e das mais diversas áreas científicas, os membros da APENEL são de um ou de outro modo tributários daquele mestre comum a todos, que na década de sessenta iniciou o Seminário de Latim Renascentista. Hoje, sob o impulso laborioso de Sebastião Tavares de Pinho e da Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos, os *Portugaliae Monumenta Neolatina* já produziram, em cerca de seis anos, mais de uma dúzia de volumes, em cuidadíssima edição bilingue (latim-português). A colecção acolherá as principais obras e figuras do Humanismo português que escreveram em Latim, com predomínio da literatura e da poesia, mas também com a presença da epistolografia poética e em prosa, da narrativa dialógica, da historiografia, da hagiografia, da oratória e do teatro, da filosofia e da teologia.

6 Para melhor conhecer a actividade científica da Universidade de Coimbra em matéria de estudos neolatinos, no seio da qual tem existência uma contínua escola de investigação e graduação, iniciada por nomes como Américo Costa Ramalho, Walter de Sousa Medeiros e José Geraldês Freire, convidamos à consulta de Delfim Leão (Coord.) 2005, *Instituto de Estudos Clássicos, um Passado com Futuro. 60 anos de actividade científica, pedagógica e cultural*. Coimbra, Imprensa da Universidade; e de Américo Costa Ramalho (2013) “O Latim, língua inútil? Memórias de um aprendiz de latinista”, in *Para a História do Humanismo em Portugal*. Vol. V. Imprensa da Universidade de Coimbra: 319-329. De entre os mais importantes frutos da investigação produzida pelo CECH nesta área, permito-me destacar a utilíssima *Bibliografia do humanismo em Portugal no século XVI*, elaborada por Isaltina Martins (Coimbra, CECH, Série Textos Humanísticos Portugueses, 1986).

De resto, no conjunto da *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World*, o fenómeno do Humanismo em Portugal, que no seu tempo conheceu uma projecção de dimensão verdadeiramente europeia e internacional, ficou circunscrito a uma perspectiva relativamente acanhada e marginal. Como causa ou como efeito, não será indiferente o facto de não encontrarmos um só investigador português de estudos neolatinos entre a vasta equipa de colaboradores, tendo o artigo sobre Literatura Neolatina em Portugal sido elaborado por um investigador brasileiro da Universidade de São Paulo, também ele discípulo distinto da chamada 'escola de Coimbra'. Estou certa, porém, de que uma futura colaboração alargada a outros investigadores desta equipa seria capaz de emprestar à Enciclopédia um olhar mais focado sobre a especificidade do Humanismo em Portugal e realizaria um recorte mais completo da riqueza da cultura neolatina portuguesa, no contexto do Humanismo europeu. Então poderiam ser superadas grandes ausências como o Padre António Vieira S.J., cuja obra neolatina integrou recentemente a monumental edição da sua obra completa (Círculo de Leitores, 2014), embora aguarde ainda a edição crítica. A estas grandes ausências poderíamos somar Pedro Perpinhão, orador, António de Sousa, dramaturgo, ou Manuel de Góis, um dos autores do chamado 'curso conimbricense' - para me centrar nos de proveniência jesuítica de grande impacto em todo o mundo, que não mereceram entrada nesta importante obra. Não me refiro ao facto de o conjunto de verbetes, necessariamente selectivo, estar privado de artigos que tratem individualmente cada um destes nomes, mas simplesmente ao facto de o leitor não encontrar na obra qualquer referência quer aos nomes quer às obras de que foram autores.

O segundo volume, *Micropaedia*, diz respeito a temas mais circunscritos e específicos, mas não menos importantes para a investigação em estudos neolatinos. Cada um dos verbetes completa, com efeito, os artigos mais amplos do volume *Macropaedia*. Com a sua variedade e multiplicidade de artigos (66 na *Macropaedia* e 145 na *Micropaedia*) a *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World* tem as vantagens e as desvantagens do que seria um Dicionário da cultura neolatina. *Ekphrasis* aparece na sequência de *Educational Treatises of Italy*, logo seguido de *Emblems* e de *Erasmus*, sem qualquer disposição ou hierarquia que não a alfabética. Mas o especialista encontra instrumentos de trabalho tão raros quanto úteis: "Latin and social media" (p. 1014), "Latin vocabulary for new world phenomena" (p. 1026), "Neo-Latin Journals" (p. 1057) e "Neo-Latin Book Series" (p. 1053, onde deveríamos acrescentar os já referidos *Portugaliae Monumenta Neolatina*,

bem como as séries editoriais que os precederam). Além dessas sofisticadas ferramentas de trabalho, o leitor encontra um precioso retrato ‘polifónico’ do que foi a Literatura Neolatina nas diversas nações e áreas geográficas que a fizeram florescer, na América, na Ásia e na Europa, desde os Balcãs a Portugal, passando pelo Império Otomano, Hungria, Polónia, Boémia, Países Germânicos, Itália, França, Países Baixos e Ilhas Britânicas, dando de cada uma delas uma perspectiva de profundidade desigual mas de objectivos igualmente sistemáticos, sincrónica e diacronicamente.

Contudo, o contributo mais valioso desta obra para a investigação nos estudos neolatinos parece-me ser o sistemático suporte conceptual, teórico e metodológico, de que esta área de estudos estava há muito necessitada. De facto, a maior novidade da *Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World* reside no seu interesse programático por um conjunto de questões às quais, doravante, os investigadores não poderão ficar alheios, como as opções metodológicas dos estudos neolatinos e a sua fundamentação teórica. Pelo seu carácter que poderemos designar inaugural, trata-se, pois, de uma obra fundamental para uma biblioteca sobre o século XVI e XVII, indispensável ao investigador de cultura neolatina.

Como é desejável que aconteça em obras de carácter enciclopédico após a sua publicação, oxalá o tempo permita reeditar este monumental trabalho em condições que permitam diminuir o prejuízo e os riscos próprios de um trabalho de síntese. Assim a *Brill's Encyclopaedia* venha a conceder à investigação sobre a produção literária neolatina em Portugal, um espaço menos omissivo, adequado ao seu impacto no mundo.

MARIA MARGARIDA MIRANDA

Universidade de Coimbra

mmirandafluc@gmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_19

GARCÍA JURADO, F., González Delgado, R., González González, M. (eds.), *La Historia de la Literatura Grecolatina en España: de la Ilustración al Liberalismo (1778-1850)*, Málaga, Analecta Malacitana anejos 90, 2013, 475 pp.

Os *Analecta Malacitana* publicaram, como seu número monográfico (anejo 90), um interessante volume intitulado *La Historia de la Literatura Grecolatina en España: de la Ilustración al Liberalismo (1778-1850)*. Este